

O RACISMO  
NO GOLPE DE  
ESTADO DE 2019  
NA BOLÍVIA:  
REGISTROS ENTRE  
20 DE OUTUBRO E  
14 DE NOVEMBRO



V SICCAL

[ GT1 - COMUNICAÇÃO, CULTURA E DIVERSIDADE ]

Martha Raquel Rodrigues

*Pontifícia Universidade Católica, Campinas, SP*

## [ RESUMO ABSTRACT RESUMEN ]

Este trabalho se debruça sobre os processos que se incidiram na Bolívia entre 20 de outubro e 14 de novembro de 2019 durante as eleições presidenciais e os dias que se sucederam e culminaram no Golpe de Estado que obrigou Evo Morales e Álvaro Garcia Linera, presidente e vice-presidente eleitos, a deixarem o país sob ameaças. Para isso, serão analisadas entrevistas, documentadas pela autora deste artigo durante o período, e dados oficiais relacionados com os conceitos de contrato social, racial e patriarcal de Charles W. Mills (1997), que disserta sobre a colonização latino-americana e os impactos atuais desta dinâmica racista e sexista incorporada nos países periféricos. Um marco significativo do período foi a queima da bandeira Wiphala, que carrega simbolismo dos povos originários da região da Cordilheira dos Andes.

**Palavras-chave:** Bolívia. Golpe. Racismo. Carlos Mesa. Evo Morales.

This article intends to analyse the processes that took place in Bolivia between October 20th and November 14th, 2019, during the presidential elections and the days that followed it, culminating in the coup d'état that forced the president and vice-president elect, Evo Morales and Álvaro Garcia Linera, to flee the country under threats. In order to do that, this article will use interviews conducted during this period by the author and official data, related to the concepts of social, racial and patriarchal contract first proposed by Charles W. Mills (1997). In his work, Mills analyzes the Latin-American colonization process in its racist and sexist dynamics, and the impacts of this process felt today on peripheral countries. An important hallmark of this period was the burning of the Wiphala flag, which carries symbolism of the native peoples of the Andean Mountains region.

**Keywords:** Bolívia. Coup. Racism. Carlos Mesa. Evo Morales.

Este trabajo se centra en los procesos que tuvieron lugar en Bolivia entre el 20 de octubre y el 14 de noviembre de 2019 durante las elecciones presidenciales y los días que siguieron y culminaron con el Golpe de Estado que obligó a Evo Morales y Álvaro García Linera, presidente y vicepresidente - presidente electo, dejando el país amenazado. Para ello, se analizarán entrevistas documentadas por el autor de este artículo durante el período y datos oficiales, relacionados con los conceptos de contrato social, racial y patriarcal de Charles W. Mills (1997), quien diserta sobre la colonización latinoamericana y la actualidad. Los impactos de esta dinámica racista y sexista incorporados en los países periféricos. Un hito significativo del período fue la quema de la bandera de Wiphala, que lleva el simbolismo de los pueblos de la región de los Andes.

**Palabras clave:** Bolívia. Golpe. Racismo. Carlos Mesa. Evo Morales.

## Introdução

---

A quebra da ordem democrática na Bolívia, após as eleições presidenciais de 2019 revelou o legado colonial e o caráter racista, classista e machista ainda hoje presentes no país. A violência instituída durante o Golpe de Estado nos dá mecanismos para compreender como a expressão do neoliberalismo opera de acordo com a inferiorização da cosmologia e dos valores culturais dos povos originários.

Segundo Quijano (2005), há um viés racial e patriarcal no padrão colonial de poder que gera consequências sobre as políticas. Para o autor, a grande chave para entender o atual arranjo institucional é a colonização das Américas. O eurocentrismo é fundamental para o capitalismo, já que precisa desse sistema global. Há uma conexão entre a colonização e o capitalismo, e isso ocorre porque os países são subalternos às ordens capitalistas.

Sendo o racismo um produto de ordenamento social, Quijano define a raça como categoria mental do ser humano, uma vez que ela implica numa forma seletiva do ingresso do trabalho qualificado ou não. O padrão racial estabelece essa hierarquia de acesso e o trabalho é organizado a nível global.

O autor trata a generalização “índios” na América Latina, que abrange milhares de povos originários, ignorando suas origens, costumes e idiomas, a partir da classificação racial que foi criada pela colonização para que houvesse a segregação. Para os colonizadores, a lógica que imperava era a que aqueles que não tinham visões

cosmológicas, se não eram cristãos, não eram humanos. E assim explicavam a escravidão e o genocídio daquelas populações.

No que diz respeito ao Golpe de Estado sofrido na Bolívia em 2019 e as violências institucionais e simbólicas contra os povos originários, Medeiros e Macedo (2020) argumentam que “o atual cenário de violência institucional contra os povos andinos não é um fato espontâneo”. Para os autores, “trata-se de um legado histórico de dominação étnica e racial que se manifesta por meio das estruturas política e sociocultural do Estado boliviano” (2020).

## Processos até a Plurinacionalidade

---

Alfredo José Cavalcanti Jordão de Carmargo (2006) em seu livro *Bolívia: A Criação de um Novo País; a Ascensão do Poder Político Autóctone das Civilizações Pré-Colombianas a Evo Morales* se debruça sobre os contextos enfrentados pelo país até a declaração da plurinacionalidade boliviana, em 2009.

O autor estabelece que o período de 1900 a 1920 marcou “o triunfo de visão segregacionista do desenvolvimento do país, fundamentada na concepção etnocêntrica e racista de que os indígenas constituíam empecilho ao desenvolvimento e ao progresso” (CAMARGO, p. 131). Em outras palavras, a realidade na Bolívia durante o período foi marcada pela violência institucional racista e eurocêntrica que buscava combater a resistência dos povos originários que se posicionavam contra a exploração, a

dominação cultural e a concentração agrária (Idem).

Foi nesta época que se observou um levante político e intelectual por parte dos povos nativos do país, consagrando assim um imaginário nacionalista e indigenista, culminando posteriormente na condução do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR). De acordo com o autor, o indigenismo ressurgiu como “discurso pedagógico”, dando valor a fundação da primeira escola de educação indígena, em Warisata, por exemplo, e como “discurso econômico e político”, dando legitimidade aos movimentos sindicais rurais e aos congressos indígenas regionais que culminaram no Congresso Indígena Nacional de 1945 (Idem, p. 143).

Com a publicação do Decreto Supremo Nº 0048, em 18 de março de 2009, foi oficializada a Plurinacionalidade da Bolívia.

Considerando que a Constituição Política do Estado promulgada em 7 de fevereiro de 2009, determina que a Bolívia se constitua como Estado Social Unitário de Direito Comunitário Plurinacional, livre, independente, soberano, democrático, intercultural, descentralizado e com autonomias, alicerçado na pluralidade e pluralismo político, econômico, jurídico, cultural e linguístico, dentro do processo de integração do país. Que com a aprovação e promulgação da Constituição Política do Estado, comece a mudança do Estado colonial e neoliberal para um Estado Unitário Plurinacional Descentralizado com Autonomias (BOLÍVIA, 2009).

O artigo 98 da Constituição Política do Estado passa a estabelecer o respeito

às diferenças e à igualdade de condições, sendo assim, determinando “que a diversidade cultural constitui a base essencial do Estado Comunidade Plurinacional e que a interculturalidade é o instrumento de coesão e convivência harmoniosa e equilibrada entre todos os povos e nações” (BOLÍVIA, 2009).

Em artículo único, Evo Morales decreta que de acordo com a Constituição Política do Estado, a nova denominação “Estado Plurinacional da Bolívia” deverá ser utilizada em toda e qualquer ato nacional, internacional ou de diplomacia (2009).

## **Racismo como alavanca do Golpe de Estado**

---

Sobre a colonização latino-americana e os impactos na realidade atual, Charles W. Mills (1997) aponta que o contrato social é pautado para além do moral e do político, englobando, principalmente, sua origem racial e patriarcal. Não podemos analisar o sujeito como alguém que está no zero, mas, sim, como um sujeito afetado por uma Europa colonizadora, e que, portanto, se trata de um sujeito racializado e marcado por uma hierarquia de gênero.

O autor sintetiza o debate do contrato social sob perspectiva racial, ou seja, meta-contratos formais que estabelecem os limites do contrato social. Quando se define que negros, indígenas e mulheres são inferiores, isso exemplifica o meta-contrato imposto pelos colonizadores.

Mills (1997) também classifica como “sub-humana” a forma com que os indígenas e africanos são vistos pelos colonizadores, já que os enxergam como bárbaros e, não, sujeitos civilizados com repertório de esclarecimento. Ele explica que o que sustenta o racismo e a segregação racial é o contrato social da nossa sociedade.

A relação é considerada também por Milton Santos (2003), que avalia que “o papel do lugar é determinante” (p. 114). Ou seja, que a existência em um espaço estabelecido tem um papel revelador sobre a visão de mundo. “Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação de heranças e a indagação sobre o presente e o futuro” (p. 114)

Santos (2004) considera que o território é o chão mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencimento àquilo que nos pertence. “A instantaneidade da informação globalizada aproxima os lugares, torna possível uma tomada de conhecimento imediata de acontecimentos simultâneos e cria entre os lugares e acontecimentos uma relação unitária à escala do mundo” (SANTOS, p. 203).

Sentimento, este, sentido pelos povos originários do Estado Plurinacional da Bolívia, que mantém suas origens indígenas, andinas e camponesas até os dias atuais através das vestimentas, da culinária, dos costumes e dos rituais.

Para Haesbaert (2004), sistemas capitalistas e de solidariedade não se homogeneízam. “Enquanto que as redes funcionais estão voltadas para a eficácia do sistema

econômico capitalista, as de solidariedade encontram-se em sintonia com as territorialidades mais alternativas ao sistema dominante” (HAESBAERT, 2004).

Segundo o autor o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural. A territorialização é vista como o processo de domínio (político-econômico) e/ou de apropriação (simbólico-cultural) do espaço pelos grupos humanos.

Sobre o tema, García Canclini (2007) pontua que é necessário que se conheça suas origens para que possam encarar as dinâmicas do mundo globalizado.

[...] não penso que, hoje, a opção central seja entre defender a identidade ou nos globalizar. Os estudos mais esclarecedores do processo globalizador não são os que apontam para uma revisão das questões identitárias isoladas, mas o que propiciam a compreensão do que podemos fazer e ser com os outros, de como encarar a heterogeneidade, a diferença e a desigualdade. [...] negamo-nos a reduzi-lo à oposição global/local. [...] trata-se de indagar se é possível instituir sujeitos em estruturas sociais ampliadas (CANCLINI, 2007, p. 28).

Ponto defendido por Santos (2001), que considera que “o sentido que têm as coisas, isto é, seu verdadeiro valor, é o fundamento da correta interpretação de tudo o que existe” (p. 16). Para o autor, “sem isso, corremos o risco de não ultrapassar uma interpretação coisicista de algo que é

muito mais que uma simples coisa, como os objetos da história” (Ibidem) já que os significados estão em constante mudança “com o movimento das sociedades e por intermédio das ações humanas sempre renovadas” (Ibidem).

*Em síntese, a política cultural e de pesquisa relacionada ao patrimônio não tem por que reduzir sua tarefa ao resgate de objetos “autênticos” de uma sociedade. Mais importante é considerar os processos e sua representatividade sociocultural. Para reconstruir a verossimilhança histórica e estabelecer bases comuns para uma reelaboração de acordo com as necessidades do presente. Necessário realizar ruptura com o realismo ingênuo que a epistemologia realizou há tempos. Toda operação científica ou pedagógica sobre o patrimônio é uma metalinguagem, não faz com que as coisas falem, mas fala delas e sobre elas. Museus e políticas patrimoniais tornam elegíveis as relações entre eles, propõem hipóteses sobre o que significam para nós que hoje os vemos ou evocamos (CANCLINI, 2019).*

## As eleições e o Golpe de Estado

As eleições presidenciais da Bolívia aconteceram em 20 de outubro de 2019, em todo o país, e contou com a participação de cidadãos bolivianos que vivem no exterior. A primeira parcial dos resultados foi divulgada antes das 20h do dia de votação, através da Transmissão de Resultados Eleitorais Preliminares (TREP). Com 83% das urnas apuradas, Evo Morales, do Movimento

ao Socialismo e presidente à época, tinha 45,28% dos votos. Seu principal concorrente, Carlos Mesa, do Comunidade Cidadã, tinha 38,16%.

Após o primeiro anúncio oficial, o Órgão Eleitoral Plurinacional (OEP), através de Antonio Costas, vice-presidente do Tribunal Supremo Eleitoral (TSE) da Bolívia, anunciou que a divulgação dos resultados parciais através das Atas estava suspensa. Horas depois, María Eugenia Choque, presidente do TSE, comunicou a imprensa nacional e internacional que os votos seriam contados um a um a partir daquele momento e que o resultado poderia levar entre dois e sete dias para ser divulgado.

Para o acompanhamento da contagem dos votos, uma estrutura foi montada no Hotel Real Plaza, em La Paz, para que representantes dos partidos e jornalistas nacionais e internacionais pudessem fiscalizar a contagem das cédulas.

Em 21 de outubro, durante a apuração, manifestantes de ambos os partidos – MAS e CC – se reuniram em frente ao ponto de contagem de votos. Foram entrevistadas 32<sup>1</sup> pessoas apoiadoras de Carlos Mesa, que chegaram ao local através de ônibus fretado e portavam bandeiras do país. Em sua totalidade pessoas brancas, as e os entrevistados gritavam palavras de ordem de cunho racista. Reunidas na Av. Arce, uma das entrevistadas disse “Evo é um narcotraficante que tem que sair da Bolívia. Estou desempregada desde que Evo Morales está no governo porque sou

<sup>1</sup> Entrevistas concedidas para a autora deste artigo nos dias 20 e 21 de outubro de 2019

branca”<sup>2</sup>. Afirmção repetida em outra entrevista no mesmo dia, “eu sou secretária executiva, mas por ser branca fiquei de lado”<sup>3</sup>.

Diversos homens, durante a manifestação, simularam cenas de estupro<sup>4</sup> ao se dirigirem às manifestantes apoiadoras de Evo Morales. Apoiadores do CC cantavam, com as mãos sobre o peito, “morrer antes que os escravos vivam”<sup>5</sup>. Em relação a Morales, cantavam “Evo, Evo, seu desgraçado, você é um filho da puta e a sua mãe que te deu a luz é uma vadia”<sup>6</sup>.

Durante a manifestação que acontecia em frente ao local de apuração e contagem dos votos, os apoiadores de Carlos Mesa, em relação aos defensores de Evo Morales, entoavam frases como “chucros de merda não são naturais”<sup>7</sup>, “os burros já sabem falar”<sup>8</sup>, além de chamá-los de

“vendidos”<sup>9</sup>, “filhos da puta”<sup>10</sup>, mandarem-os “para Cuba e Venezuela”<sup>11</sup>, dizer que “precisavam estudar”<sup>12</sup>, e utilizarem “Chiquitanos” como forma de ofensa para dizer que os que ali se manifestavam a favor de Morales eram considerados atrasados e subdesenvolvidos<sup>13</sup>.

Também exibiam um boneco de Morales<sup>14</sup> vestido de presidiário e o chamavam de “porco”<sup>15</sup> e “narcotraficante”<sup>16</sup>. Em relação aos manifestantes de origem indígena, entoavam palavras de ordem dizendo que deveriam “voltar para seu ministério”<sup>17</sup>, fazendo referência ao Ministério das Culturas, Descolonização e Despatriarcalização da Bolívia.

<sup>2</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=405190366810598](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=405190366810598), aos 09:05.

<sup>3</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=533102413928731](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=533102413928731), aos 02:06.

<sup>4</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=502077873680892](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=502077873680892), aos 06:11 e em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=2382667085316546](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2382667085316546), aos 02:28.

<sup>5</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=2382667085316546](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2382667085316546), aos 00:17.

<sup>6</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=525137751658564](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=525137751658564), aos 07:00.

<sup>7</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=2382667085316546](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2382667085316546), aos 02:42.

<sup>8</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=2382667085316546](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2382667085316546), aos 08:33.

<sup>9</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=533102413928731](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=533102413928731), aos 14:25.

<sup>10</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=502077873680892](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=502077873680892), aos 05:24.

<sup>11</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=2382667085316546](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2382667085316546), aos 09:54.

<sup>12</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=2382667085316546](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2382667085316546), aos 10:42.

<sup>13</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=405190366810598](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=405190366810598), aos 18:32.

<sup>14</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=533102413928731](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=533102413928731), aos 05:05.

<sup>15</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=405190366810598](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=405190366810598), aos 14:20.

<sup>16</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=405190366810598](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=405190366810598), aos 09:05.

<sup>17</sup> Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=405190366810598](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=405190366810598), aos 04:26.

O racismo, o machismo e o capitalismo que estruturam a nossa sociedade se mostraram presentes durante as manifestações. Com ofensas racistas, sexistas e classistas, os manifestantes apoiadores de Carlos Mesa mostravam na prática o conservadorismo neoliberal das elites bolivianas.

Separados por um corredor policial, os manifestantes apoiadores de Evo Morales se concentraram na Rua Fernando Guachalla e na Praça Bolívia. De grande maioria indígena, camponesa e mineira, os manifestantes entoavam palavras de ordem como 'Evo amigo, o povo está contigo'<sup>18</sup> e "o que queremos? Evo de novo"<sup>19</sup>. Trinta e uma entrevistas foram realizadas com pessoas vindas de todo o país.

Portando bandeiras Wiphala, bandeiras do MAS e imagens de Evo Morales, os manifestantes questionavam se a juventude presente do outro lado da manifestação havia estudado sobre o evento conhecido como "Outubro Negro", em que Carlos Mesa, candidato pelo CC, esteve envolvido. "Outubro Negro não se esquece"<sup>20</sup>, entoavam em uma só voz sobre o acontecimento.

O "Massacre de Outubro", "Outubro Negro" ou "Guerra do Gás" foi como ficou conhecida a revolta popular gerada após a decisão do então presidente Gonzalo Sánchez de Losada de exportar gás natural

para os Estados Unidos da América (EUA) e para o México, ignorando a demanda interna do país.

Com início em El Alto, a população tomou as ruas contra a medida neoliberal e, a mando do presidente, foi atacada por militares com armas de guerra, somando 70 mortos e mais de 400 feridos. A população decidiu não deixar as ruas até que Losada deixasse o país e, duas semanas depois, o então presidente saiu fugido diretamente para Miami, nos EUA.

Carlos Mesa, candidato à presidência em 2019, à época era vice-presidente de Losada e assumiu o poder em 17 de outubro de 2003. Durante seu juramento, na sede do Congresso, era possível escutar os estouros das dinamites dos mineiros que ocupavam El Alto e La Paz contra as medidas de empobrecimento do país. Mesa conseguiu se manter no poder por um ano e sete meses, quando renunciou ao cargo. Entre 2001 e 2005 a Bolívia teve cinco presidentes, conseguindo estabilidade somente após a primeira eleição de Evo Morales.

Ao final da tarde do segundo dia de apuração das urnas, apoiadores de Carlos Mesa iniciaram um confronto com a polícia após uma tentativa de invadir o local de contagem dos votos, atacar um ônibus com pedras<sup>21</sup> e lançar rojões e bombas<sup>22</sup> em direção da imprensa e dos apoiadores de Evo Morales. A polícia revidou com spray de pimenta e uma bala de borracha foi disparada. Foram quase seis horas de confronto, que resultaram em um jornalista, três fotógrafos, cinco policiais e dezenas de manifestantes feridos.

---

18 Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=405190366810598](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=405190366810598), aos 01:11.

19 Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=502077873680892](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=502077873680892), aos 03:04.

20 Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=405190366810598](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=405190366810598), aos 15:45.

---

21 Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?v=555189938634935&ref=watch\\_permalink](https://www.facebook.com/watch/live/?v=555189938634935&ref=watch_permalink).

22 Disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=502077873680892](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=502077873680892), aos 04:44.



Fotos tiradas em La Paz, em 21/10/2019, por Leonardo Milano e Martha Raquel Rodrigues



As manifestações seguiram nos próximos dias em locais diferentes entre os apoiadores. Silveira Laureano, de origem Aymara e camponesa, em entrevista à autora deste artigo três dias após a eleição e durante o processo de apuração dos votos, revelou que o sentimento do campesinato ao votar era de que eles seriam ignorados, uma vez que ao votar, por volta das 09h da manhã do domingo (20 de outubro de 2019), Carlos Mesa, concorrente de Evo Morales, já falava em fraude eleitoral.



Estamos nesse momento em La Paz, Bolívia. Eu sou exatamente de Villazón, fronteira com Argentina, pertence a Potosí. Minha origem é Aymara, minha mãe é do campo, meu pai também é do campo. Nunca neguei minhas origens, minha mãe é de “pollera” (termo equivalente a mulheres mestiças e indígenas) e eu me sinto muito orgulhosa de minhas origens. Estou convencida que as pessoas que negam suas origens definitivamente não servem para nada. Porque jamais se deve negar suas origens, negar sua cultura. Me sinto orgulhosa, como boliviana, de ter Evo Morales Ayma como presidente, uma pessoa que muitos criticaram por não ter frequentado a universidade. Deram vez a pessoas que foram presidentes, que foram candidatos, que estudaram em Harvard e não fizeram absolutamente nada por este país.



Laureano disse, na ocasião, que o racismo é muito forte no país.

Discriminaram os povos mestiços e indígenas e até agora seguem fazendo e vocês

são testemunhas. É crime ser mestiço e indígena, é crime ser Aymara, sendo que 80% das pessoas daqui são do campo. Não podemos negar de onde vem nossa comida. Se o campo não nos provê de produtos, de onde comemos? Não sabem, não têm nem ideia do sacrifício que há no campo. Colher, semear, colher debaixo de sol, debaixo de chuva. Isso as pessoas da cidade não valorizam, e como vão valorizar se nunca conheceram o campo? O que vão valorizar? Temos um candidato a presidente, Mesa, que não sabe quantos municípios existem na Bolívia e assume isso. Ignorou totalmente o voto do campesino. Votaram incomodados, o campesino está incomodado porque foi ignorado, foram discriminados seus votos.

Desde este local, Laureano explica os avanços do governo Evo Morales para as populações mais vulneráveis.

Tivemos progresso, vias, praticamente toda Bolívia está asfaltada, podemos chegar em pouco tempo. E o asfalto são as veias de cada país. Quando se pensou que a Bolívia teria um satélite? Vamos instalar o segundo satélite na Bolívia. Há três anos começaram a construir com a mais moderna tecnologia locais para detecção de câncer. Não temos mais que ir até a Argentina, Chile ou a outro país para que nos detectem o câncer. Temos tecnologia de última geração, e em novembro já se começa a fazer exames, quimioterapias. Neste ano se aprovou a lei a favor do câncer. Através do Sus, as pessoas que não trabalhamos, esse é nosso plano de saúde. Através do Sus podemos nos beneficiar de uma cirurgia de mama, ou uma cirurgia de ovários, que na rede privada custa de 12 a 15 mil dólares. Onde

conseguiríamos esse dinheiro para ter esse acesso? Nós conseguimos graças ao Evo, agora o compromisso dele é fazer uma fábrica para produção de produtos aqui na Bolívia. Quanta gente vai se beneficiar? Sabe quanto custa um medicamento para o câncer? Uma injeção custa 1.500 bolivianos. Mais de duzentos dólares em uma injeção aplicada quando as defesas baixam por causa do câncer.

Na entrevista, destinada ao público brasileiro, ela detalha um pouco mais sobre a realidade vivida no país.

Uma injeção para uma pessoa que tem câncer avançado custa 2.200 dólares. A partir do ano que vem, o governo vai financiar as quimioterapias. As radio-terapias são gratuitas. As cirurgias são gratuitas. Tudo isso é graças a Evo. Como não estarmos agradecidos a ele? Nos cinco anos que ainda restam, ele vai terminar tudo. Hospitais de níveis 3 e 4 no campo. Antes haviam alguns quartinhos que estavam caindo aos pedaços.

Laureano explica que é preciso olhar a realidade boliviana para além de La Paz e Cochabamba.

Eu queria que as pessoas que estão em La Paz e não conhecem esses lugares em Ravelo. São infraestruturas. Daqui a alguns dias vão entregar em Llallagua hospitais de última tecnologia, onde usarão sistemas inteligentes com sensores, para lavar as mãos e para que não circule ar contaminado. Há maquinários caríssimos onde até as pessoas de La Paz poderemos ir fazer tomografias porque no primeiro ano vai custar 400 bolivianos. Então, saíamos de La Paz, nos

informemos como estamos asfaltados. De La Paz até Oruro são três horas, ida e volta. De Oruro até Llallagua são duas horas. De Llallagua até Ravelo, uma hora. E de Ravelo, algumas horas até Sucre. Estamos conectados a Sucre, e tudo está asfaltado. Então as pessoas que não saem daqui não sabem absolutamente nada. Se dizemos que temos o candidato Mesa que nem sabe quantas cidades temos, que diz que não existe gente no campo, e aqui está demonstrado quanto faltava de votos dos camponeses, que eles tanto discriminam.

A entrevistada argumenta que não é possível fugir de suas origens quando se fala de um povo plurinacional.

O forte de Evo é o campo, as cidades, esse é o povo que eles ignoram. Aqui na Bolívia 60% somos de origem indígena, de origem Aymara. Todos têm uma mãe mestiça ou indígena, uma avó mestiça ou indígena. Repito, quem renega sua raça e seu sobrenome não serve para nada, nem aqui nem na China. Temos que estar orgulhosos do que somos. Meus queridos irmãos, progredimos na Bolívia. temos satélite, já vamos para o segundo. As pessoas não estão cegas, as pessoas veem o progresso. Quando na Bolívia se teve senadoras, ministras de origem mestiça ou indígena? Quando se teve um mineiro como autoridade? As pessoas se lembram quando as pessoas eram tão oprimidas em gestões anteriores. Isso os incomoda agora, que uma mulher mestiça e indígena seja senadora, ministra, deputada, que tenha todos os cargos. Isso os incomoda. Por isso nos discriminam, por isso tanto ódio por nós, os Aymaras,

aos camponeses, esse é o ódio que têm por nós, porque não há mais repressão.

Em 31 de outubro a Organização dos Estados Americanos (OEA) anunciou que começaria uma auditoria sobre o resultado da eleição no país. Segundo a instituição, a auditoria foi realizada por 30 especialistas de diversos países. Em 10 de novembro, a OEA anunciou que as eleições na Bolívia foram fraudadas e recomendou uma nova votação. Em seu comunicado, sem explicar em que se baseava a decisão, a OEA disse: “A equipe de auditores não pôde validar o resultado da presente eleição, e recomenda um outro processo eleitoral. Qualquer futuro processo deverá contar com novas autoridades eleitorais para poder levar a cabo eleições confiáveis<sup>23</sup>”. Versão refutada no ano seguinte por Francisco Rodríguez, professor de estudos latino-americanos na Tulane University, Dorothy Kronick, especialista em política latino-americana da Universidade da Pensilvânia, e Nicolás Idrobo, estudante de doutorado da mesma universidade e especialista em métodos estatísticos avançados, por encontrarem falhas no método utilizado.

Após a declaração à imprensa da OEA (2019), antecipada pelo secretário-geral da OEA, Luis Almagro, as Forças Armadas da Bolívia emitiu um comunicado pedindo a renúncia de Evo Morales do cargo em que foi eleito. Destacando o compromisso com a pacificação do país, que enfrentava protestos violentos, Evo Morales disse em pronunciamento que deixaria o país. Gesto seguido por Álvaro

---

23 Disponível em [https://www.oas.org/pt/centro\\_midia/nota\\_imprensa.asp?sCodigo=P-109/19](https://www.oas.org/pt/centro_midia/nota_imprensa.asp?sCodigo=P-109/19).

García Linera, vice-presidente, que também renunciou.

Minutos antes do anúncio de renúncia de Morales e Linera, Luis Fernando Camacho, presidente do Comitê Cívico Pró-Santa Cruz - cidade mais populosa da Bolívia - e líder opositor do de Morales, invadiu o antigo Palácio do Governo, em La Paz, e entoando um discurso religioso, colocou uma Bíblia em cima da bandeira da Bolívia.

Quadrada e quadricular com sete cores, a bandeira Wiphala representa a Plurinacionalidade da Bolívia. “A palavra “wiphala” significa, na língua aimará, um objeto flexível, ondulado e quadrado. Segundo o pesquisador, sem perder o sentido diz-se wiphailita em quechua, a cultura dos Lecos o chama wilpha e para os chiquitanos é materaru” (PIEB, 2010).

Com dois arco-íris - vertical e horizontal -, a bandeira Wiphala carrega significados diferentes em cada cor de acordo com uma perspectiva indígena.

O amarelo está relacionado com a espiritualidade, a Pachamama (mãe terra) e a achachila; laranja significa saúde, dinamismo e fisicalidade; vermelho é conhecimento, sabedoria e linguagem; roxo é economia, substância, a base estrutural de todas as pessoas, colunas e pilares de uma sociedade; o azul tem a ver com astronomia, o céu, as estrelas; o verde está relacionado aos animais, plantas e sua reprodução; e o alvo que forneceu o celestial, é a força mental e espiritual, tem a ver com o ar e a terra (PIEB, 2010).

Uma onda de manifestações de oposição ao governo eleito tomou o país. Bandeiras Wiphalas foram queimadas em La Paz e Santa Cruz de la Sierra e os patches com a bandeira que representa os povos andinos foi rasgada dos uniformes da Polícia Boliviana, revelando, assim, o caráter racista da oposição de Morales, que nunca aceitou que um indígena governasse o país e se aproveitava do clima forjado de fraude para destilar o preconceito com os povos originários do país.



Fotos: Reprodução/La Voz de Tarija e Diario Registrado

Em 12 de novembro, a senadora Jeanine Áñez se autoproclamou presidenta da Bolívia. O anúncio foi feito no mesmo dia em que Morales e Linera foram recebidos no México, país em que receberam asilo político.

À época, foram recuperados **tweets** de Añez de cunho racista contra indígenas da Bolívia. A Agência de notícias Agence France-Presse (AFP) atestou a veracidade dos **tweets** publicados em junho 2013 e outubro de 2019<sup>24</sup>. De acordo com a agência, Añez publicou (em tradução livre) “Que ano novo Aymara nem estrela da manhã!! satânicos, ninguém substitui Deus” e uma charge sobre Morales com os dizeres “últimos dias”, e legenda “pobre índio agarrado ao poder”.

Uma outra publicação de novembro de 2019 questiona a ancestralidade de indígenas apoiadores de Morales por utilizarem calças jeans. A autoproclamada presidenta questiona se as roupas e sapatos utilizados pelos manifestantes são “nativas”.

Presidente e vice-presidente tiveram que renunciar e deixar o país escondidos, sob risco de morte, após serem legitimamente eleitos por aqueles que os golpistas dizem não representar o país, os povos originários. Como resultado da ira de uma elite conservadora e neoliberal, o Golpe de 2019 escancarou a mediocridade de uma parcela da população que, além de renegar as origens do país, ainda ignora os processos travados por bolivianas e bolivianos até os dias atuais. ■

## Conclusões

---

O Golpe de Estado na Bolívia em 2019 foi resultado de uma cultura racista, clasista e machista que nunca aceitou que um presidente indígena Aymara governasse o país. Com políticas de fortalecimento da resistência indígena e andina, Morales foi responsável pela instituição da plurinacionalidade da Bolívia, da implementação da bandeira Wiphala e pela criação de políticas públicas que atendessem a população mais pobre, camponesa, trabalhadora e originária do país.

---

<sup>24</sup> Disponível em <https://checamos.afp.com/estes-sao-os-tuites-agressivos-contra-indigenas-e-nativos-que-presidente-interina-da-bolivia-jeanine>.

[ MARTHA RAQUEL RODRIGUES ]

Jornalista graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), comunicadora da Rede Jornalistas Livres e da Secretaria Nacional de Comunicação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. E-mail: [martharaquel.jornalismo@gmail.com](mailto:martharaquel.jornalismo@gmail.com)

## Referências

---

CAMARGO, Alfredo José Cavalcanti Jordão de. **Bolívia**: a criação de um novo país; a ascensão do poder político autóctone das civilizações pré-colombianas a Evo Morales. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2006.

CANCLINI, Néstor García. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2019.

ESTADO PLURINACIONAL DE BOLÍVIA. **Decreto Supremo, N° 0048, del 18 Marzo 2009**, Bolívia. Disponível em: <https://www.derechoteca.com/gacetabolivia/decreto-supremo-0048-del-18-marzo-2009>. Acesso em: 24 set. 2021.

MACEDO, Guilherme Fenício Alves; MEDEIROS, Enzo Gabriel Oliveira. **A (Sub)Condição Whipala**: uma análise decolonial sobre a violência estrutural e cultural contra os povos originários na Bolívia pós-ruptura democrática (2019). Revista Perspectiva, [S. l.], ano 2020, v. 13, n. 25, p. 71-98.

MILLS, Charles Wade. **The racial contract**. [S. l.]: Cornell University Press, 1997.

RODRIGUES, Martha Raquel. **Antes do golpe, boliviana celebrava os avanços do governo de Evo Morales**. Jornalistas Livres, [S. l.], 10 nov. 2019. Disponível em: <https://jornalistas-livres.org/antes-do-Golpe-boliviana-celebrava-os-avancos-do-governo-de-evo-morales/>. Acesso em: 2 out. 2021.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2004.

PERIÓDICO DIGITAL DE INVESTIGACIÓN SOBRE BOLÍVIA (PIEB). **Historiador**: la inclusión de la wiphala como símbolo patrio tiene un sentido estratégico. Periódico Digital PIEB, [S. l.], 20 jan. 2010. Disponível em: <http://www.pieb.com.bo/nota.php?idn=4608>. Acesso em: 23 set. 2021.

QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.